

Apresentação

Jane Paiva

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

PAIVA, J., comp. Apresentação. In: *Aprendizados ao longo da vida: sujeitos, políticas e processos educativos* [online]. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2019, pp. 11-17. Pesquisa em educação/Educação ao longo da vida series. ISBN: 978-65-990364-9-1. <https://doi.org/10.7476/9786599036491.0001>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Apresentação

Jane Paiva

Apesar de toda a crise que passamos no estado do Rio de Janeiro e no país, temos buscado forças e energia para manter vivos os valores e a qualidade do que se faz na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), tanto na graduação quanto na pós-graduação. Nossa disposição de luta passa pela inventividade e proposição de atividades que congregam pesquisadores parceiros de muitas universidades por todo o país que, aportando seus conhecimentos, nos auxiliam a dar visibilidade à pesquisa com a qual resistimos, diante de tantos ataques à ciência e à tecnologia nos últimos tempos.

Entre sobressaltos, vemos projetos para os quais contribuímos com nossos melhores aportes se desfazerem, pulverizados, sem consideração ao tanto de vidas e trajetórias acadêmicas e profissionais neles empenhados. Em especial no que tange ao campo da educação de jovens e adultos (EJA) — para uma população tão renegada historicamente, que se esvanece e novamente é invisibilizada, desmanchada no ar.

A lógica da resistência cotidiana cria a imperiosa necessidade de espaços acadêmico-científicos que possam dar vazão à produção de tantos pesquisadores — nacionais e internacionais do campo da educação de jovens, adultos e idosos e da educação popular — que, em *rede*, reconstruam o *fazer pesquisa*, abrindo mão de seus lugares isolados, e muitas vezes silenciados, onde ficam

seus territórios. Exige pensar a pesquisa não do ponto de vista de projetos individuais, mas com novas práticas mais solidárias e cooperativas, especialmente por nosso campo de conhecimentos ser pouco valorizado no mapa dos temas em educação e nos editais das agências de financiamento. Essas *redes* desembocam em múltiplos produtos cujo valor é reconhecido na academia, mas que nem sempre chegam a interferir ou alterar a lógica social do *fazer político*.

Os artigos aqui agrupados têm diferentes origens e os pesquisadores presentes estão, há muito, enredados em lutas comuns. Essas lutas referenciam seus trabalhos como investigadores militantes¹ que, muito além de pesquisarem, defendem o campo cujo direito, apesar de constitucionalmente assegurado, vive ameaçado na prática social e política. Afinal, os sujeitos a quem se destina a EJA são permanentemente apartados da experiência de se escolarizarem e do aprender por toda a vida, acometidos, como vítimas, das imensas desigualdades que assolam a classe trabalhadora. Classe que sequer se sabe dona de um direito social e das políticas públicas que facilmente descartam esse conjunto da população do direito à educação.

Oriundos de diversas orientações epistemológicas, autores-pesquisadores debruçaram-se na investigação de processos cuja identidade com aprendizados que se dão ao longo da vida, em todos os campos de saber e áreas de conhecimento, *dialoga* com suas temáticas de pesquisa; nos artigos resultantes dessas escavações, os autores compartilham com os leitores, na coloquialidade de seus argumentos, achados e buscas incessantes. As distintas finalidades de investigação passam pela compreensão. A compreensão de processos de escolarização não assegurados como

1. A militância faz parte da nossa ação político-epistemológica em defesa do direito à educação como formação humana, para todos.

direito na infância, tanto inconclusos como interrompidos pelas lides da vida, percorridos em ofertas constituídas como respostas públicas da sociedade e do Estado para a educação de sujeitos jovens, adultos e idosos. De aprendizados, saberes e tecnologias para ler e compreender o mundo, indagando se essas práticas traduziriam ressignificações da educação popular. A compreensão da diversidade de sujeitos e identidades culturais como expressão do seu estar no mundo; de processos reveladores da formação de educadores nos espaços da cultura organizacional — enfim, aproximam-nos de achados em investigações motivadas por desejos de saber mais, e que encerram aspectos de formação humana e política requerida pelas complexas formas de viver a cidadania em sociedades capitalistas que, cada vez mais, usurpam direitos sociais e obstruem a formação do sujeito no sentido mais pleno da condição de dignidade humana.

Jovens pesquisadores certamente darão continuidade às nossas lutas, às nossas causas, às causas da população desassistida de direitos, como o direito à educação. Esses jovens pesquisadores assumem e cerram fileiras em que muitos de nós estivemos por quase toda a vida.

A complexidade da formação de pessoas em qualquer dos domínios aqui representados, tanto por jovens quanto por adultos, por professores e demais agentes sociais em toda a diversidade que os forma, subjaz às investigações feitas, revelando modos como se dão aprendizados que ultrapassam a formalização da escola, para se espraíar nos múltiplos espaços que educam na sociedade, em que se faz a vida humana, seja pela ação do trabalho, de atividades na família, nas inúmeras formas de conceber e compreender o mundo, enfim, nos (im)possíveis espaços criativos e criadores do “ser” humano em sociedades complexas e hierarquizadas.

Por essa perspectiva, se fazia imprescindível organizar um livro para essa coleção em que a dimensão de internacionalização

começasse também a aflorar, dado o esforço que muitos de nós têm feito para cumprir exigências das agências de fomento, vencendo os obstáculos dos poucos recursos oriundos de pesquisas — esta, em especial, financiada pela Faperj.

O primeiro conjunto de artigos responde (cada texto à sua maneira) ao desafio de compreender como sociedade e Estado oferecem possibilidades de aprendizados a sujeitos jovens e adultos, nos espaços públicos. Em *Diagnóstico da educação de jovens e adultos na Região Costa Verde do estado do Rio de Janeiro: mapeamento do território em subsídio a uma nova agenda política*, Elioaldo Fernandes Julião investiga uma política pública, partindo de propostas de EJA implementadas na Região Costa Verde do estado. Fundamenta a análise em concepção crítica sobre o papel dessas políticas para jovens e adultos das classes populares, em subsídio à produção da Agenda Territorial de Desenvolvimento Integrado de Alfabetização e de Educação de Jovens e Adultos do Rio de Janeiro. Em *Educação de jovens e adultos: concepções, avaliações e políticas públicas no contexto do município de Salvador-BA* — semelhantemente ao artigo anterior — a equipe de pesquisa, formada por Gilvanice Barbosa da Silva Musial, Rejane de Oliveira Alves, Sandra Maria Marinho Siqueira, Marize Souza Carvalho e Uilma Rodrigues de Matos, aliando pesquisa e extensão, analisa a EJA do município de Salvador, Bahia, como campo de direito e de responsabilidade pública e reflete sobre a formação de professores que a investigação associou. No artigo *Educação profissional integrada à educação de jovens e adultos – Proeja: inéditos viáveis da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica*, três pesquisadoras — Simone Valdete dos Santos, Janaína Marques Silva e Margarete Maria Chiapinotto Noro — discutem a experiência do *campus* Sapucaia do Sul do Instituto Federal Sul Riograndense, desenvolvida há dez anos, atestando positivamente a experiência curricular do projeto integrador como promotora

de intervenções sociais, de emancipação social, cidadania e aprendizagem coletiva. Por último, neste primeiro eixo organizador, Paulo Eduardo Dias de Mello analisa, em *Políticas públicas para a produção de materiais didáticos para educação de jovens e adultos no Brasil entre 1995 e 2017: avanços, contradições e recuos*, tensões e contradições dessas políticas, enfrentando o paradoxo de universalização do acesso ao livro didático aos estudantes da EJA, ao mesmo tempo em que promoveu a padronização e concentração dessa produção no mercado editorial, inibindo diferentes experiências de produção realizadas em todo o país. Alerta para o aprofundamento dessas contradições, acelerado por uma série de reformas que indicam predominância dos interesses de mercado em detrimento de práticas de incentivo à diversificação da produção didática para os sujeitos da EJA.

Um segundo eixo traz a contribuição de Maria del Carmen Lorenzatti, pesquisadora argentina da Universidade de Córdoba, discutindo *Concepciones y sentidos cotidianos acerca de la lectura y escritura de jóvenes y adultos*. Em primeiro lugar, traz contribuições quanto a quem são os sujeitos dessa educação e como e quais os aportes teórico-conceituais que permitem analisar a cultura escrita em que estão inseridos. Em segundo lugar, e a partir disso, compartilha alguns avanços que tem obtido em suas investigações sobre o tema para, enfim, pôr em questão o papel dos organismos internacionais na produção desses sentidos conceituais. O segundo artigo, de Jane Paiva, *De memória em memória: trançando histórias na educação de jovens e adultos* segue nessa direção, tratando de concepções de alfabetização que nortearam práticas das Fundações Mobral e Educar entre 1970-1990, despertando memórias de personagens entrevistados e escavando acervos que vêm sendo organizados para que uma parte da história da educação de adultos no país não se perca. Em seguida, Maria Clarisse Vieira em *A EJA como educação popular: desafios de uma experiên-*

cia de alfabetização em interface com as novas tecnologias, oferece reflexões sobre a pesquisa-ação integrada ao grupo de pesquisa (Genpex), que desde 2000 atua na região do Paranoá/Itapoã com o movimento social organizado. Propõe-se a um diálogo com a educação popular e a EJA pela análise dos fazeres, especificamente da práxis desenvolvida desde 2015, em escola pública do Paranoá, em interface com tecnologias. Apresenta a pertinência da alfabetização de jovens e adultos auxiliada pelo uso do computador e o papel do texto coletivo na abordagem das situações-problema-desafios de sujeitos jovens e adultos em processo de alfabetização.

Um terceiro eixo agrupou dois artigos em diálogo com aspectos da diversidade de sujeitos que produzem suas identidades para estar no mundo, em tensões que agravam seus modos de ser quando se trata da inserção nas redes educativas: gênero, sexualidade e envelhecimento. Em *Estudos Feministas, EJA e Educação Profissional: interlocuções acerca da inserção feminina na Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica*, Maria José de Resende Ferreira, Edna Castro de Oliveira e Edna Graça Scopel aportam reflexões iniciais acerca do público feminino da EJA, matriculado em cursos técnicos ofertados pelo Instituto Federal do Espírito Santo *campus* Vitória, problematizando os obstáculos interpostos no percurso formativo das mulheres inseridas nos cursos Proeja, em cursos considerados “tradicionalmente masculinos”. As pesquisadoras têm, com isso, a oportunidade de contribuir com estudos feministas acerca da escolarização das mulheres em interlocução com a produção do campo da EJA e de trabalho e educação. Em *Gênero, sexualidade e envelhecimento: miradas pós-críticas em educação*, Fernando Pochay afirma, em um artigo fortemente provocativo o qual nos põe diante de um espelho que revela uma face não conhecida, que “[...] poucas são as certezas sobre os rumos da velhice nos múltiplos Brasis de hoje”. E, como

pesquisador do campo da educação, nos instiga: “É, portanto, da alçada da educação contribuir para as formas de problematização de questões como o envelhecimento, como uma experiência política e cultural, assim como o são gênero, raça, sexualidade que se aprende-ensina em diversos espaços-tempos da vida, no/com o cotidiano”. À leitura!

Nosso último eixo, ao tratar da formação de educadores, apresenta o artigo *A cultura escolar da/na EJA – contributos para compreender e repensar as ações cotidianas dos professores*, de Marinaide Freitas e Paulo Marinho, resultado de investigação visando a produção de conhecimento sobre a cultura organizacional escolar e o trabalho de docentes da EJA que atuam em escolas do município de Maceió, quando problematizaram em que medida essas culturas implicavam-se com o trabalho do professor de EJA, formando-o.

Queremos dialogar, leitores, e por isso os espaços dos artigos estarão abertos às nossas vozes e às vozes (silenciosas) de seus leitores, aprofundando temas, problemas e vislumbrando caminhos e novos percursos, com olhares reservados de diferentes campos em que se faz, além de conhecimento, a poética da vida.

Desse jeitinho assim, citando Guimarães Rosa, em *Grande Sertão: Veredas*:

A vida inventa! A gente principia as coisas, no não saber por que, e desde aí perde o poder de continuação porque a vida é mutirão de todos, por todos remexida e temperada. O mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas, mas que elas vão sempre mudando.

Uma fecunda e amorosa leitura e reflexão para todos nós!